

*Nascentes***É MELHOR JAIR DESACOSTUMANDO:  
A CONSTRUÇÃO DO ESTILO NO DISCURSO  
ANTIVACINA DO PRESIDENTE***Cecília Noronha Braz Alves\***Maria de Fátima Almeida\*\**

**RESUMO:** Este presente artigo tem o objetivo de investigar a construção do *estilo* no discurso antivacina do presidente da República do Brasil Jair Bolsonaro, em postagens de seu perfil oficial do *Facebook*. Para isso, vamos mobilizar categorias, noções e conceitos da Teoria Dialógica da Linguagem como *palavra, enunciado, relações dialógicas, interação verbal, estilo e gêneros do discurso*. Os dois principais teóricos que vão respaldar nossa micro tese são Valentin Volóchinov (2017, 2019) e Mikhail Bakhtin (2002, 2011, 2012, 2016).

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso antivacina; Estilo; Gêneros discursivos; Dialogismo.

**Introdução**

Brasil, 7 de janeiro de 2021. É o 11º mês da pandemia do coronavírus no país. Um consórcio nacional de imprensa, formado por cinco veículos de comunicação, divulga as estatísticas atualizadas sobre o surto em território brasileiro, já que o Governo Federal começou a restringir o acesso pleno a tais dados desde junho de 2020. A voz do jornalista Alan Severiano, no *Jornal Nacional* (da emissora Rede Globo), confirma que ultrapassamos a marca recorde de 200 mil vidas perdidas, na maior das tragédias sanitárias pela qual a nossa nação já passou em toda a sua história.

Neste artigo, procuramos puxar apenas um dos fios da linguagem nesse triste novelo de lã da pandemia: o discurso antivacina com “assinatura”, ou acento, do presidente da República Jair Bolsonaro. Iremos focar no tom valorativo atribuído ao imunizante pelo líder máximo da nação e interpretar essas marcas axiológicas.

---

\* Doutoranda em Linguística (Proling) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Bolsista da CAPES.

\*\* Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e pós-Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB). É professora associada IV do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

A base teórica é a Teoria Dialógica da Linguagem, cujos pressupostos foram desenvolvidos por Bakhtin e o Círculo. Partindo dessa perspectiva, o objetivo é investigar a construção do estilo, no discurso antivacina proferido pelo presidente da República do Brasil, formulado por meio do gênero do discurso postagem, que circula na plataforma da rede social Facebook. Selecionamos para tal finalidade um *corpus* formado por três postagens reproduzidas do perfil oficial de Jair Bolsonaro, portanto, pertencentes à esfera midiática e ao campo político institucionalizado.

Analisaremos o *corpus*, interpretando as informações pelas categorias, noções e conceitos por meio do pensamento de Bakhtin e o Círculo tais como *palavra, enunciado, relações dialógicas, interação verbal, estilo e gêneros do discurso*. Acreditamos que o estilo do gênero discursivo assinado pelo presidente se ancora em enunciados já ditos em outro momento histórico sobre “anticiência”, “xenofobia” e “anticomunismo”, utilizados agora na elaboração de *fake news*.

Os dois principais teóricos que vão fundamentar a análise são Valentin Volóchinov (2017, 2019) e Mikhail Bakhtin (2002, 2011, 2012, 2016), com seus textos originais e por meio de seus interlocutores Brait (2018) e Fiorin (2006).

### **Noções e conceitos da Teoria Dialógica da Linguagem**

Este artigo é realizado sob a perspectiva teórico-metodológica da Teoria Dialógica da Linguagem, especialmente, no que se refere aos estudos de Mikhail Bakhtin e da doutrina do Círculo sobre a linguagem. O trabalho é de cunho descritivo-interpretativista, porque busca compreender e interpretar os sentidos produzidos nos enunciados concretos.

Os princípios fundamentais da *prima filosofia* e a abordagem da linguagem por Bakhtin e o Círculo ampliaram as fronteiras da Linguística e lançam a proposta de uma Metalinguística. A filosofia primeira da linguagem (BAKHTIN, 2012) é uma arquitetura do ato responsivo e responsável; ela considera o “ser” como acontecimento inacabado e ao mesmo tempo único e irrepetível a cada ato, sempre em processo contínuo de constituição. O “ser” é apreendido como evento único em dado instante específico, no tempo e no espaço. Pois o mundo da teoria (das generalizações) é diferente do mundo do “ser” singular, na historicidade viva. Ambos universos são incomunicáveis, como bem pontua Fiorin (2006).

A *filosofia primeira* da linguagem é uma arquitetura do ato enquanto atividade (BAKHTIN, 2012), considerando a relação de compreensão e conectividade entre os interlocutores (mesmo que o “outro” seja pressuposto), na concretude da comunicação. Isso pressupõe,

entre outras coisas, a atribuição de juízos de valor, que é uma atitude responsiva ativa do instante da enunciação.

Assim, as três coordenadas fundamentais da concepção dialógica são a unicidade do ser, a relação eu/outro (com singularidade dessa relação) e a dimensão axiológica. A partir das necessidades implicadas pelo objeto de estudo deste artigo, elegemos seis conceitos mobilizados pela Teoria Dialógica da Linguagem para discutirmos, brevemente. São eles: *interação verbal, relações dialógicas, palavra, enunciado, estilo e gêneros do discurso*.

Todo enunciado estabelece uma relação com outros enunciados alheios, estando estes últimos no passado ou no futuro. Assim, à medida que eles remeterem a ideias já ditas, também se voltam para respostas futuras, sejam essas verbalizadas, silenciadas, gestuais, ou até mesmo uma simples ação ou tomada de posição. A esse diálogo entre os enunciados é dado o nome de dialogismo, ou relações dialógicas. Isso acontece mesmo quando um locutor não tem noção de onde seu discurso foi retomado.

É por meio dessas relações dialógicas entre os interlocutores que a linguagem se constitui. Portanto, ela sempre vai ser ideológica, posto que é social, e nunca será neutra. Só poderá ser entendida amplamente se a considerarmos imersa em uma situação de comunicação e dentro de um contexto social de uso a partir de seus interlocutores.

Ao apresentar esse princípio da linguagem, Bakhtin (2002) nos sugere que todos os textos carregam valores ideológicos, retomando outras falas que também carregam ideologias. Assim, o principal foco de Bakhtin e o Círculo é colocar no centro das reflexões o sujeito da linguagem, e sua relação com o interlocutor, sempre em processo de interação no ato comunicativo.

Com relação à *palavra*, ela sempre esteve no centro dos estudos ligados à língua, linguagem e aos fenômenos linguísticos. Porém, desde a gramática tradicional, com raízes greco-latinas, até os estudos filológicos, o termo foi, geralmente, abordado sob o ponto de vista abstrato e imanente.

Na perspectiva de Volóchinov (2019), não devemos considerar apenas a forma/imanência da língua. É preciso olhar para seu uso concreto, feito pelos sujeitos envolvidos na comunicação. Ele critica o problema de abordar a *palavra* sob o viés do “método formal” e sugere a vantagem de observá-la pelo prisma sociológico.

Conforme Volóchinov (2019), ao olharmos apenas a arte pela arte, é impossível até mesmo delimitar o material do objeto com seus componentes semânticos artísticos em potencial. A *palavra*, sob o ponto de vista do método sociológico, depende do contexto

extraverbal que a constitui, pois ela é resultado da interação e de todo trabalho de relação de um sujeito com o “outro”.

Além da primeira propensão em olhar a *palavra* apenas em sua imanência, a segunda tendência que deve ser abandonada, conforme Volóchinov (2019), está ligada ao estudo do psiquismo. Ele olha às vezes para o psiquismo individual de quem cria e ora foca no psiquismo individual de quem contempla uma obra de arte. O artístico em sua totalidade – o que inclui a *palavra* – não pode ser abarcado por esses três aspectos isoladamente (imanência do objeto, psiquismo individual do criador ou psiquismo individual do contemplador).

A finalidade da poética sociológica, dentro do método sociológico aplicado à estética, é justamente compreender essa comunicação artística específica (na estética, que é o mundo da arte), mesmo que suas bases sejam semelhantes às outras formas sociais (no mundo da vida, que é a ética). Portanto, é no discurso cotidiano, fora da arte, onde estão as potencialidades da forma (*palavra* valorada), observa Volóchinov (2019).

Volóchinov (2019) explica que a *palavra* valorada está inserida no mundo ético (no cotidiano), como ato na vida. O ato ético cotidiano é indissociável da situação extraverbal da qual a *palavra* é engendrada. Se a expressão “extra verbal” muitas vezes é reduzida, em outros contextos teóricos, como algo que está fora, para a Teoria Dialógica da Linguagem o extraverbal é algo que contribuirá para determinar de fato o que o sujeito vai dizer, refratando no *enunciado*.

A *palavra* irá refletir e refratar toda essa relação que um sujeito tem com o mundo, com o “outro” – ou com um “personagem” e “protagonista”, na perspectiva estética. A “forma” (fruto da avaliação, valoração, ou posição axiológica) que esse sujeito imprime no material, que é a *palavra* em si, resulta da relação valorativa que ele estabelece com o “outro” extralinguístico.

A linguagem é abordada por Bakhtin (2016) na relação inviolável entre as várias esferas da atividade humana e do uso da língua. Essa última corresponde à dimensão da comunicação e se efetua na forma de enunciados, tanto orais como escritos. Há modos variados do uso da língua, que se agrupam em formas típicas, ou tipos relativamente estáveis de enunciados, o que Bakhtin denomina de gêneros do discurso. Esses se formam à medida que também são estruturados padrões específicos de atividades humanas.

Ao tratar dos diversos campos da atividade humana e o uso da linguagem Bakhtin diz o seguinte:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo de atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da

linguagem [...] mas acima de tudo, por sua construção composicional [...] cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 2016, pp. 11-12, grifos do autor)

Conforme vimos na citação, Bakhtin fala em três elementos indissolúveis no conjunto do *enunciado concreto* determinado pelas especificidades de cada campo: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. É por meio do estilo do gênero em geral e da sua construção composicional que reconhecemos o tipo do gênero discursivo – ambos formam os enunciados relativamente estáveis. Já no conteúdo temático, mais ligado aos sentidos, é onde estão os pontos de vista, juízos de valor, ideologia implícita e o estilo valorado dentro de um processo de interação entre o autor e sua plateia, em um dado instante do enunciado concreto, singular, com sua marca e assinatura irrepitível, decorrente das relações dialógicas.

Na abordagem teórica de Bakhtin e o Círculo, à medida que cada campo da atividade humana se desenvolve e fica mais complexo, ele também produz inesgotáveis gêneros do discurso. Esse é um aspecto que mostra a heterogeneidade e o caráter não estático, mas “vivo”, dos gêneros do discurso. Um enunciado dito por meio de um gênero do discurso assume sua marca social e dialógica, ele reverbera posições culturais, históricas, sociais e ideológicas, possibilitando a comunicação entre sujeitos. Os *enunciados concretos*, que circulam dentro das esferas das atividades humanas, são constitutivamente irrepitíveis em sua singularidade à medida que retomam todas essas marcas em cada ato dito efetivamente. E a noção de gênero discursivo está situada nessa dimensão da interlocução e do diálogo.

Conforme Volóchinov (2018), baseadas na interação social, percebemos uma mudança da visão tradicional de pensar o estilo, que agora começa a ser refletido a partir da linguagem em uso e dentro das diferentes esferas da atividade humana.

Pelo conceito da interação social, podemos dizer ainda que, em um momento concreto de comunicação na vida cotidiana, os sujeitos em interação são determinantes na construção do enunciado, do gênero e do estilo. Portanto, o estilo também é singular em dado momento, e não individual nem intrínseco a determinado “autor” para todos os seus enunciados. Sobre isso, Volóchinov (2019) ressaltou que o estilo é, pelo menos, o homem e seu grupo social, sendo ouvinte um participante ativo do discurso interior e exterior do homem.

Bakhtin (2011, 2016) pensa o estilo em duas dimensões – o estilo na vida e o estilo na atividade estética. Brait (2018) resalta que em *Os gêneros do discurso* Bakhtin (2016) discorre sobre a relação expressiva do enunciado com o objeto (assunto) e com enunciados alheios

sobre a mesma temática. É dentro desses princípios que Bakhtin apresenta uma concepção dialógica de estilo.

### Imunizante “comunista” jamais

Nesta seção, iremos analisar um *corpus* pertencente ao gênero postagem de *Facebook*, inserido na esfera midiática das redes sociais. Partiremos, inicialmente, das valorações atribuídas à palavra “vacina” dentro do *enunciado concreto* capturado nas mensagens do presidente da República Jair Bolsonaro. Simultaneamente, para entendermos o valor axiológico do termo, faremos uma incursão pelos aspectos extraverbais que circundam o “dito” nos textos verbais e não verbais. Assim, seguiremos no encalço da construção do estilo do discurso antivacina proferido pelo chefe de estado brasileiro.

A *significação* de um termo como “vacina” é a capacidade potencial dele construir sentido, acumulado ao longo do tempo. Trata-se de um estágio mais estável de um signo pensado apenas no domínio da língua enquanto sistema (CEREJA, 2018). Um exemplo é a palavra “vacina” que vem do latim *vaccinae, vacca*. Em português, significa “da vaca” ou “relativo à vaca”, presente na expressão latina *variola vaccinae*” (VACINA, 2021). Faz referência à maneira de descrever uma doença que ficou conhecida como a “varíola das vacas”. Depois, o termo “vacina” passou a significar, de maneira generalizada, a doença dos bovinos provocada pela proliferação do vírus do gênero *ortopoxvirus*, eruptiva de caráter variólico (bolhas). Esses animais são a fonte primária da zoonoses para a infecção humana.

Das vesículas formadas por essa doença virulenta do animal em uma mulher que ordenhava vacas, bem mais fraca que a varíola humana, extraiu-se o líquido imunizante. O procedimento foi feito pelo médico inglês Edward Jenner, em 1789. Com o tempo, o “vacina” também passou a significar essa substância produtora formada por antígenos imunizantes (VACINA, 2021).

A iniciativa culminou com a extinção da varíola em nosso planeta desde 1977, conforme declarado pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Então, o termo “vacina” até hoje é usado para designar uma inoculação que sirva para produzir anticorpos contra doenças (VACINA, 2021<sup>ne</sup>). Uma das teses é que a palavra “vacina” teria sido introduzida na língua portuguesa por meio da língua francesa: *vaccine*.

Além da *significação*, a noção bakhtiniana de *tema* diz respeito ao valor singular e irrepetível da palavra “viva” em cada *enunciado concreto*. Ele é resultado de uma situação de uso concreto da língua e possui caráter instável. Ao mesmo tempo que a *significação* e o *tema* se distinguem, eles também se completam (CEREJA, 2018).

O discurso do presidente Jair Bolsonaro presente no *corpus* que propomos neste artigo agrega ainda mais valores à *significação* da palavra “vacina” a cada enunciado dito, suscitando novos *temas*. Em sua retórica, podemos perceber a constante retomada do termo em referência ao comunismo. Esse espectro habita o lugar de um inimigo comum contra o qual seria necessário o combate conjunto por parte de supostos “patriotas” seguidores do presidente.

As referências ao comunismo, no discurso cotidiano do presidente, também estão em termos ou expressões como “minha bandeira jamais será vermelha”, “esquerdismo”, “esquerdalha”, “petismo”, “petralha”, “ditadura”, “antipatriotismo”, “comunista” e assim por diante. Tudo aquilo que não apoia a ideologia de extrema-direita e seu conservadorismo exacerbado, é colocado em uma vala comum, incluindo aí até mesmo seus ex-aliados e as ações em defesas das vacinas.

Consideramos que todo *enunciado* nasce prenhe de outro, no passado distante ou próximo, e se volta para o futuro das atitudes responsivas ativas. Portanto, vale a pena olhar para o grande tempo no qual se insere esse inimigo comum dos bolsonaristas, o “comunismo”. A “onda” contra o comunismo mais próxima dos dias atuais reacendeu há cerca de 80 anos e nos remete ainda ao período da Guerra Fria, quando essa fobia foi disseminada pelo planeta.

Outras fúrias anticomunistas ocorreram antes, mais restritas a opositores locais da própria Revolução Russa de 1817, geralmente, evocados por grupos locais da Igreja Católica, grandes latifundiários e industriais russos. Foi nessa época que o filósofo e economista Karl Marx e o empresário industrial e teórico Friedrich Engels lançaram o panfleto intitulado “Manifesto Comunista”. Nele, eles apresentaram suas previsões sobre o que seria a fase posterior à implantação das ideias econômicas socialistas.

Na visão de Karl Marx (SELL, 2015), na etapa pós-capitalista haveria uma sociedade mais justa e igualitária, porém sem aspectos considerados burgueses, a exemplo da religiosidade, propriedade privada e divisão de classes sociais. Friedrich Engels denominou essa segunda fase de Socialismo Científico e para isso lapidou as ideias iluministas de Henri de Saint-Simon, no século anterior, chamadas de Socialismo Utópico, que propunha uma sociedade com distribuição mais justa da riqueza em opção ao capitalismo. O comunismo do manifesto de Marx e Engel, seria, portanto, um novo sistema econômico e político em uma sociedade sem classes e cujos meios de produção e demais bens seriam estatais, com a produção de riquezas distribuída, igualmente, entre a população.

Como o “fantasma” do anticomunismo pós-Segunda Guerra seria de fato o mais próximo de nós, vejamos, portanto, alguns valores axiológicos que eram emprestados aos *enunciados* que tratavam desse assunto na época. O período ficou conhecido como Guerra Fria.

O ano de 1947 é considerado, oficialmente, o marco do início dessas tensões da Guerra Fria, quando o então presidente norte-americano Harry S. Truman proferiu um discurso agressivo no Congresso que ficou conhecido como a Doutrina Truman. Tratava-se de ações para conter o avanço do sistema econômico socialista soviético nas nações consideradas "elos frágeis" do sistema capitalista após a Segunda Guerra, estimulando-as a se "defenderem".

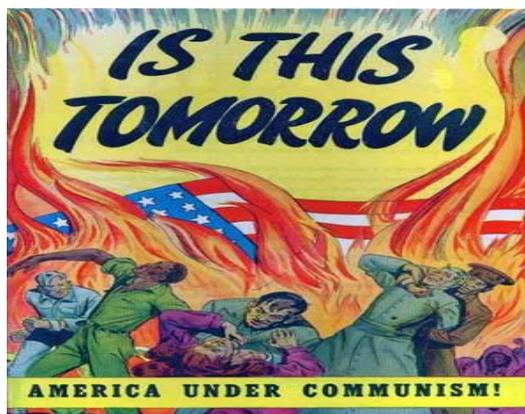
Na verdade, a formatação desse estado permanente de medo de um terceiro conflito mundial já teria começado a se desenhar um pouco antes, ainda no final da Segunda Guerra Mundial, com a ascensão de duas nações consideradas potências econômicas e tecnológicas: Estados Unidos e União Soviética, detentoras de bombas atômicas.

A tempestade gerada na Guerra Fria provocou uma onda de "anticomunismo". E essa começa a tomar corpo e descambar mesmo para a violência política dentro dos EUA com o advento do que ficou conhecido como macarthismo, no final dos anos 50.

Sem provas concretas, sem direito amplo a defesa dos acusados, o Comitê de Investigação de Atividades Antiamericanas do Senado, que tinha em sua presidência a histeria do senador Joseph Raymond McCarthy, chegou a formular uma lista de supostos adeptos ao comunismo. Nela, estavam nomes de artistas, diretores e produtores de Hollywood, escritores, funcionários federais, sindicalistas e até patentes do exército. Na época, houve perseguição e até mesmo a execução de cientistas em cadeira elétrica, além de violação a direitos civis e políticos previstos pela Constituição americana (BARROS, 2021).

O doutor em História Daniel Trevisan (2021) explica que os bordões anticomunistas, comparando esses ideais como um "amalgama do mal", que devem ser combatido, já eram encontrado mesmo antes da Guerra Fria, tanto em discurso religioso da Igreja Católica como em discursos, por exemplo, em defesa da propriedade privada. Mas, bem antes mesmo, ainda na época da Revolução Russa de 1917, o anticomunismo serviu como uma importante estratégia ocidental contra a expansão das ideias e influências soviéticas nesse lado do mundo.

O cinema e as artes norte-americanas também fortaleceram esses discursos, cheios de teorias da conspiração, prestando juízos de valor aos comunistas como "incapazes de amar", "ateus", "inimigos" e outros atributos maléficos. Vejamos a seguir o exemplo de uma capa de HQ do final dos anos 40, nos EUA, publicação bastante lida por crianças e jovens da época.

Figura 1 – *Comic-book* de 1947

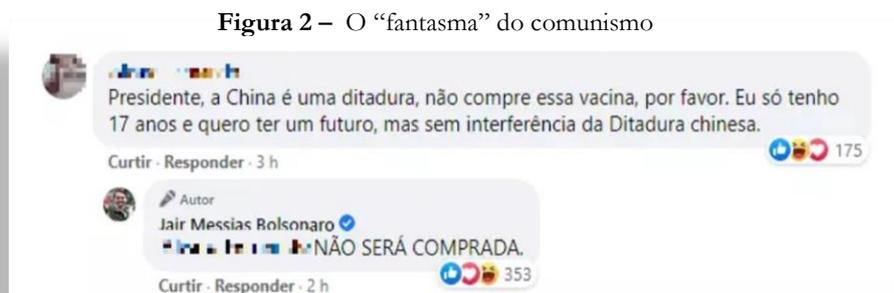
Fonte: Portal Café História (2018)

O título da publicação acima fortalece as imagens e anuncia o temor do futuro: “Isso é o amanhã”. Na parte inferior, enfatiza que a arte (formada por fogo e a bandeira americana em chamas, além de violência contra civis), se refere à “América sob o comunismo”. No desenho, estão um negro (etnia menos favorecida nos EUA e que mais ocupa a periferia americana, passível de apoiar um discurso de igualdade social), uma mulher (ícone da maternidade e da família heterossexual e branca), além de um homem com vestes de vigário sendo asfixiado (representando a perseguição aos crentes em Deus). Trata-se de uma cena de repressão explícita, comum em regimes totalitários.

No Brasil, ainda em 1935, houve uma investida real de simpatizantes do comunismo, com focos pontuais em poucas cidades, que ficou conhecida como “Intentona Comunista”, ou “Revolta Vermelha de 35”, logo abafada pelos militares e forças leais ao governo. “Intentona”, como foi denominada mais amplamente, é um termo que faz relação a algo “insano”, “insensato”, o que já por si é um juízo de valor. O evento foi o estopim para a propagação da ideologia do anticomunismo, especialmente dentro das Forças Armadas, que passaram a comemorar a vitória, anualmente, com o objetivo de reavivar para as próximas gerações o combate vencido. “Os comunistas brasileiros foram acusados de serem elementos ‘a serviço de Moscou’ e, portanto, traidores da Pátria” (CASTRO, 2021, *on-line*). Percebemos nessa afirmação, registrada em artigo da Fundação Getúlio Vargas (FGV), que havia um valor axiológico atribuído ao comunismo como uma ideia não patriótica.

Em 1964, para a efetivação do Golpe Militar e a instalação da ditadura no Brasil, que perdurou por 21 anos, o discurso anticomunista foi retomado contra o então presidente civil João Goulart. Nesse discurso, estão inseridos traços dos valores axiológicos atribuídos à “Intentona Comunista” brasileira, de 1935, e ao macarthismo norte-americano dos anos 50.

Esse discurso anticomunista e seus valores axiológicos são retomados pelo presidente da República do Brasil, Jair Bolsonaro, que é um capitão reformado do Exército Brasileiro. Na **figura 2** abaixo, mostramos o *print* de uma postagem datada de 21 de outubro de 2020. Ele, categoricamente, afirma que a vacina Coronavac, da China, não será adquirida pelo Governo Federal. O *enunciado concreto* é uma réplica ao comentário de um de seus seguidores “ouvintes” na rede social, que se refere ao país asiático como uma ditadura comunista chinesa.



**Fonte:** Facebook (2020)

A situação social na qual esse *enunciado concreto* singular do presidente acima é postado corresponde à época de um anúncio feito pelo ministro da saúde General Eduardo Pazuello. No dia anterior, o auxiliar do governo afirmou que havia assinado um protocolo de intenções para a compra de 46 milhões de doses da vacina Coronavac. A iniciativa foi aplaudida pelo governador Doria, de São Paulo, principal opositor político de Bolsonaro, e esse teria ficado irritado. Pois tudo que é oposição é “comunista” e assim precisa ser negado pelo presidente para garantir a aprovação do núcleo duro de seu eleitorado interlocutor.

Podemos perceber na postagem alguns valores axiológicos atribuídos à vacina por parte do jovem seguidor bolsonarista, como o sentido de morte (“Eu só tenho 17 e quero ter um futuro”); e de perigo iminente do comunismo opressor, que pode ser fortalecido com a compra (“sem interferência da ditadura chinesa”). A entonação de Bolsonaro, em sua resposta ativa, é dado de maneira visível e enfática, como se “gritasse”, devido ao uso de caracteres em caixa alta (“NÃO SERÁ COMPRADA”), em sinal de concordância de combate ao “inimigo comum”.

Mesmo que o presidente em sua resposta não fale no termo “vacina”, o contexto imediato mostra que seu enunciado é a réplica à indagação sobre a compra do imunizante. À vacina, desenvolvida pela Sinovac, são atribuídas valorações bem próximas àquelas da capa

do *comic-book* norte-americano de 1947, com o título de “Isso é o amanhã” e aviso de “América sob o comunismo”, já citada anteriormente nesta mesma subseção.

Na visão do bolsonarista, a ditadura só pode vir do comunismo, como se o capitalismo nunca tivesse gerado ditaduras. A xenofobia a tudo que é chinês também está na crista do nacionalismo patriótico clamado pelo anticomunismo brasileiro nessa postagem. A fobia ao país governado por um líder do partido comunista está presente na construção do estilo das postagens, por meio dessas escolhas lexicais e fraseológicas, e como réplica uma plateia virtual de seguidores que interage com o presidente.

### Uma nova “revolta” da vacina

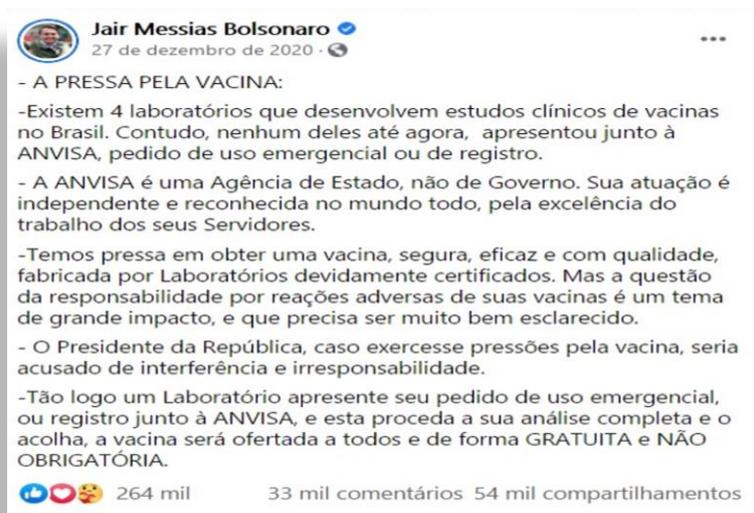
Ao longo da história, houve contestações e aprovações à vacinação pela população em diferentes países. Mas, aos poucos, esse processo de desenvolvimento de imunizantes foi adquirindo mais e mais adeptos no planeta.

A mais expressiva resistência à vacina em nosso território data do início do século XX e teve nuances políticas. Ela ficou conhecida como a “Revolta da Vacina”. O levante aconteceu na gestão do ex-presidente Rodrigues Alves. As ruas do Rio de Janeiro, então Capital Federal da República, estavam empestadas de lixos, potencializando os surtos de varíola, peste bubônica e febre amarela, à medida que havia a proliferação de mosquitos, ratos e objetos infectados descartados, que matavam milhares de pessoas (RIO DE JANEIRO, 2006).

As medidas de higienização de Rodrigues Alves envolviam por um lado ações no campo da modernização e urbanização do Rio de Janeiro, com alargamento de vias e desapropriação de imóveis, como na área da saúde pública. Nesse último aspecto, as ações eram voltadas, especialmente, ao tocante ao saneamento e às medidas preventivas, com a obrigatoriedade de vacinação contra a varíola e exterminação de ratos e de mosquitos transmissores de doenças (RIO DE JANEIRO, 2006).

A **figura 3** a seguir é um *print* da postagem feita no perfil do Facebook do presidente em 27 de dezembro de 2020. Dois dias antes, o Papa Francisco, durante a mensagem de Natal, defendeu vacina para todos, e o governador de São Paulo João Dória havia anunciado que o resultado dos testes sobre a eficácia da Coronovac sairia em janeiro (no mês seguinte). Enquanto isso, o estado paulistano começava a entrar novamente na “fase vermelha” de alto risco de contaminações, internações e mortes. No exterior, a União Europeia já se preparava para a vacinação em massa a partir de 28 de dezembro, um dia após a postagem do presidente nas redes sociais.

Figura 3 – Vacina “não obrigatória”



Fonte: Facebook (2020)

Na postagem acima, a entonação do enunciado se dá novamente pelo uso de caixa alta (“A PRESSA PELA VACINA”; “ANVISA”; “GRATUITA”; “NÃO OBRIGATÓRIA”). Por um lado, o título da postagem parece criticar a corrida mundial pela vacina, incluindo as providências já bem avançadas do governo de São Paulo para aquisição e distribuição da Coronavac. Por outro lado, argumenta que a pressa poderia comprometer a qualidade dos imunizantes da Sinovac e da Astrazeneca que precisam passar pelo crivo da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) para o seu uso emergencial ser autorizado. Há nas duas últimas frases da postagem a retomada dos discursos da “não obrigatoriedade” e da “dúvida”, presentes na Revolta da Vacina, que teve adesão de militares e florianistas no início do século passado.

Ao mesmo tempo que critica a pressa, o presidente afirma que tem pressa. Porém, ele ressalta que o imunizante precisa ser seguro, eficaz e de qualidade (como se esses atributos não fossem possíveis com a distribuição rápida, coisa que já estava ocorrendo em outros países). É como se a “segurança”, “eficácia” e “qualidade” só ocorresse no “tempo” adotado pelo governo federal.

O fato de vacina ser gratuita e não obrigatória é uma afirmação desnecessária pelo fato das campanhas serem sempre feitas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) em todo país, de maneira “gratuita” e “sem obrigatoriedade”. Assim, o valor axiológico emprestado a esses termos, ao reafirmar essa condição, é uma maneira de desestimular o povo a aderir ao imunizante. A vacinação é colocada como um procedimento de “não prioridade”, diante de um

pano de fundo de escassez de doses. Está nessa postagem, portanto, a valoração da vacina como “desnecessária”.

Por fim, já vencido e sem saída diante da iminente aprovação e uso da Coronavac, em uma corrida encampada pelo governo de São Paulo junto ao Instituto Butantan, o presidente lança mão do discurso anticiência, revestido de “meias verdades” como uma saída para justificar-se junto aos seus seguidores. Isso pode ser verificado a seguir.

**Figura 4** – Anticiência e *fake News*

**Jair Messias Bolsonaro** · 4 de janeiro · ...

- TABELA DA OMS DE 04/JAN/2021.

- Nota-se a baixíssima taxa de óbitos por Covid em países africanos (no Brasil são 923/milhão/hab em 03/janeiro).

- Uma das possíveis causas é um programa da OMS, desde 1995, de controle da Oncocercose (cegueira do rio).

- No Programa, a distribuição em massa da IVERMECTINA pode ser a responsável pela baixa mortalidade da Covid-19 nesses países.

- Obs.: Outras causas podem influenciar nos números, contudo a IVERMECTINA nos parece ser a mais provável.

PAÍS	POPULAÇÃO	ÓBITOS	ÓBITO/MILHÃO
Angola	31.825.295	407	12,8
Camarões	25.876.380	448	17,3
Congo (RDC)	86.790.567	591	6,8
Etiópia	112.078.730	1.944	17,3
Moçambique	29.496.004	168	5,7
Nigéria	200.963.599	1.302	6,5
Quênia	52.573.973	1.685	32,1
Rep Centro Afric.	4.745.185	63	13,2
Ruanda	12.626.950	98	7,8

Conceituada revista científica internacional atesta que o medicamento antiviral nitazoxanida é capaz de reduzir a carga viral em pacientes infectados pelo coronavírus. Saiba mais em <http://gov.br/mcti>

No YouTube: [https://youtu.be/ETH\\_dHFSyuQ](https://youtu.be/ETH_dHFSyuQ)

@mctic @Astro\_Pontes

gov.br GOV.BR  
Página Inicial

Curtir · Responder · 4 sem 3,1 mil  
880 respostas

Fonte: Facebook (2021)

O momento situacional do *enunciado concreto* acima é circundado pelo anúncio do Governo do Amazonas sobre o “alerta roxo”, devido ao aumento de casos e internações no estado. Também havia ocorrido há cerca de uma semana o fracasso de um leilão do governo para a compra de agulhas e seringas, sendo adquirido menos de 3% de todo o material necessário. Enquanto isso, O Instituto Fiocruz pedia ajuda ao Itamaraty para importação da vacina de Oxford (aposta única do Governo Federal), produzida na Índia, pois o governo indiano iria primeiro atender a sua população mais vulnerável.

Enquanto o mundo discute e providencia a aquisição de vacinas, em momento algum o presidente nessa postagem faz referência direta ao termo “vacina”. Em vez de falar diretamente do imunizante – cuja aplicação está entre as ações mais eficientes contra a pandemia, recomendadas por cientistas do mundo inteiro, juntamente com o isolamento social e o uso de máscara – o chefe de estado brasileiro oculta a palavra. Em seu lugar, oferece uma alternativa não comprovada cientificamente: o uso precoce de antiparasitário. Emprista assim à palavra “vacina”, mesmo sem citá-la, o valor axiológico de “desnecessária”.

Para valorar a eficácia do uso da Ivermectina (mais uma vez usando como *entonação* toda palavra em caixa alta), o presidente remete a uma tabela da Organização Mundial de

Saúde (OMS) sobre dados da covid-19 nos países africanos. Por conta própria e sem nenhum respaldo científico, ele atribui o fato ao uso constante de antiparasitários nessas nações e apenas diz que pode haver outras causas influentes. Ao mesmo tempo, sequer cita a taxa de testes para detecção da covid-19, como já desconfiavam os cientistas, ou a experiência de confinamentos em epidemias anteriores bastante frequentes.

Na mesma postagem, o próprio presidente responde, com mais outro medicamento para tratamento precoce: a “antiviral” nitazoxanida. Para isso, coloca um link de um anúncio feito pelo Ministério da Ciência e Tecnologia. Porém, uma busca mais detalhada pelo link disponibilizado na mensagem do líder brasileiro, é possível perceber que a experiência foi feita *in vitro* e ainda não há qualquer comprovação da eficácia do fármaco. Mais uma vez, o presidente lança mão de uma *fake news*.

### Considerações a mais

Constatamos que o estilo do gênero aqui pesquisado é construído, simultaneamente, tanto na dimensão verbal – pela presença ou omissão da significação do termo “vacina” – como pela dimensão extraverbal, ou social, com atualização do seu valor axiológico por meio da historicidade. Ele não altera o gênero postagem no *Facebook*, mas marca a assinatura do presidente sobre o tema.

A vacina foi valorada como “desnecessária”, ao serem colocadas em dúvida a sua eficácia e qualidade, ou ao ser substituída por fármacos voltados a um suposto tratamento precoce da covid-19, procedimento cientificamente não comprovado, gerando assim *fake news* nas redes sociais. A valoração do termo “comunista” nesse contexto, com traços xenofóbicos e negativos, também é emprestada ao termo vacina com o intuito de desmerecer o seu uso no combate à pandemia atual do coronavírus.

Na relação que os enunciados estabelecem com outros enunciados alheios (existentes ao longo do pequeno e grande tempo da historicidade), percebemos traços do discurso da Revolta da Vacina, no início do século passado, como forma de desestimular a adesão da população, que só assim passaria a não cobrar pressa e organização do governo. Ainda dentro do aspecto da historicidade, levamos em consideração para nossa análise o momento situacional dos *enunciados concretos* no instante de sua singularidade. Entendemos que toda a construção do estilo do gênero postagem de *Facebook*, a partir dos enunciados do presidente, é delineada por retomadas de discursos conservadores seculares, entre os quais está o anticomunismo, a xenofobia, a não obrigatoriedade da vacina e a anticiência.

Ao manter o discurso de não necessidade da vacina, contando com o *apoio coral* de seus fiéis seguidores desde o tempo da campanha presidencial, Bolsonaro garante um grupo coeso em suas redes sociais. Os *enunciados concretos* do presidente são prenes do ato responsivo ativo futuro de seus pressupostos ouvintes. Nessa situação, o chefe de estado é conduzido e conduz um discurso formado por forças centrípetas e homogêneas do monologismo. Essas valorações semelhantes desviam a atenção de sua plateia para a inoperância na aquisição de imunizantes pelo atual Governo Federal e conserva o “núcleo duro” de seus seguidores, com suas pautas morais e de costumes.

#### IT'S BETTER FOR JAIR TO GET USED TO IT: THE CONSTRUCTION OF STYLE IN THE PRESIDENT'S ANTI-VACCINATION SPEECH

**ABSTRACT:** This article will to investigate the construction of style in the anti-vaccine speech of the President of the Republic of Brazil Jair Bolsonaro, in posts on his official Facebook profile. For this, we will mobilize categories, notions and concepts from the Dialogical Theory of Language such as *word, statement, dialogic relations, verbal interaction, style* and *speech genres*. The two main theorists who will support our micro thesis are Valentin Voloshinov (2017, 2019) and Mikhail Bakhtin (2002, 2011, 2012, 2016).

**KEYWORDS:** Anti-vaccine speech; Style; Speech genres; Dialogism.

#### REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética – A teoria do romance*. Tradução: Aurora Fornoni Bernardini, José Pereira Júnior, Augusto Goes Júnior, Helena Apryndis Nazario e Homero Freitas de Andrade. 5. ed. São Paulo: Hucitec, Annablume, 2002.

\_\_\_\_\_. *Para uma filosofia do ato responsável*. 2. ed. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. 6. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. *Os gêneros do discurso*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRAIT, Beth. *Estilo*. In: BRAIT, Beth (Org.). Bakhtin: conceitos-chave. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

BARROS, Fernando. O que foi o macarthismo? *Revista Superinteressante*, São Paulo, 18 jul. de 2017. Disponível em: < <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-foi-o-macarthismo/> >. Acesso em: 14 fev. de 2021.

CASTRO, Celso. O anticomunismo nas Forças Armadas. *Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – Fundação Getúlio Vargas*. Disponível em: < [https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/AConjunturaRadicalizacao/O\\_anticomunismo\\_nas\\_FFAA](https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/AConjunturaRadicalizacao/O_anticomunismo_nas_FFAA) >. Acesso em: 14 fev. de 2021.

CEREJA, William. *Significação e tema*. In: BRAIT, B. (Org.). Bakhtin: conceitos-chave. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 201-220.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

MAGENTA, Matheus. As lições da vacina que chegou de 'braço o em braço' ao Brasil em 1804. *BBC News Brasil*, Londres, 25 jul. de 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53533707>>. Acesso em: 6 jan. de 2021.

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem*: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

\_\_\_\_\_. (Círculo de Bakhtin). *A palavra na vida e a palavra na poesia*: para uma poética sociológica (1926). In: \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *A palavra na vida e a palavra na poesia – ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

VACINA. In: DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO, Etimologia e Origem das Palavras. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/vacina/>>. Acesso em: 5 fev. 2021.

RIO DE JANEIRO (Cidade). Secretaria Especial de Comunicação Social. *1904 - Revolta da Vacina*: a maior batalha do Rio. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. A Secretaria, 2006. 120 p.: il. (Cadernos da Comunicação. Série Memória).

SELL, C.E. *Sociologia clássica*: Marx, Durkheim e Weber. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. (Coleção Sociologia).

TREVISAN, Daniel. A “ameaça vermelha”: medo e paranoia anticomunista. *Café História*, Brasília, 22 jan. de 2018. Disponível em: <<https://www.cafehistoria.com.br/anticomunismo/>>. Acesso em: 7 jan. de 2021.

*Recebido em: 30/10/2021.*

*Aprovado em: 14/12/2021.*